



DIVERSIDADE CULTURAL: UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DOS INGRESSANTES DO CURSO DE LETRAS-LÍNGUA PORTUGUESA/UFMT- CUR.

Ana Cláudia Reis Bittencourt -UFMT – Rondonópolis – Mato Grosso – Brasil
anabitt_gga@hotmail.com

Clésia Guimarães dos Santos – UFMT – Rondonópolis – Mato Grosso – Brasil

Adinael Jr. Pereira da Trindade - UFMT – Rondonópolis – Mato Grosso – Brasil

Káthia dos Santos Rocha - UFMT – Rondonópolis – Mato Grosso – Brasil

RESUMO

O presente trabalho versa sobre Diversidade Cultural através de um estudo de caso realizado com os ingressantes do curso de Letras Português da UFMT/CUR. Para que o objetivo fosse alcançado, procurou-se analisar a diversidade cultural dos ingressantes do curso de Letras Língua Portuguesa que entraram no ano de 2018/1. Para tanto, determinamos os seguintes objetivos específicos: analisar a percepção que os ingressantes do curso de Letras Língua Portuguesa possuem sobre diversidade cultural; identificar a existência da diversidade cultural dos ingressantes do 1º ano do curso de Letras Língua Portuguesa e investigar a interação entre os possíveis grupos culturais identificados. Justifica-se a relevância do tema tendo em vista que o ambiente universitário é um espaço de vivências, que nos possibilitam o enriquecimento a partir das diversidades culturais. O procedimento metodológico foi de natureza quantitativa e qualitativa, com o tipo de pesquisa estudo de caso. A coleta de dados foi realizada através de questionário. Para fundamentação das análises foram utilizadas as ideias de Leite (2014), Costa (2015), Leal (2013) dentre outros. Os resultados apontaram que embora a diversidade seja algo natural, a mesma não é vista como tal, ocorrendo assim o aparecimento do preconceito e da discriminação

Palavras-chave: Diversidade Cultural. Discentes. Universidade. Pluralidade.

CULTURAL DIVERSITY: a case study from the students of the course of Letras- Língua- Portuguesa /UFMT-CUR.

ABSTRACT

This article deals with the theme Cultural Diversity: a case study from the participants of the Portuguese Literature course at UFMT / CUR. In order to reach this goal, we sought to analyze the cultural diversity of the students enrolled in the course of Portuguese Language Arts that entered the year 2018/1. To do so, we determined the following specific objectives: to analyze the perception that the entrants of the course of Portuguese Language have on cultural diversity; to identify the existence of the cultural diversity of the students enrolled in the 1st year of the Portuguese Language Literature course and to investigate the interaction between the possible cultural groups identified. The relevance of the subject is justified because the university environment is a space of experiences, which allow us to enrich from the cultural diversities. The methodological procedure was of quantitative and qualitative nature, with the type of research case study. Data were collected through a questionnaire. For the analysis, the ideas of Leite (2014), Costa (2015), Leal (2013) and others were used. The results pointed out that although the diversity is natural, it is not seen as such, thus occurring the appearance of prejudice and discrimination.

Keywords: Cultural Diversity. Students. University. Plurality.

INTRODUÇÃO

Neste artigo abordaremos a diversidade cultural dos alunos da Universidade Federal de Mato Grosso, através de um estudo de caso realizado com os ingressantes do curso de Letras Língua Portuguesa, turma 2018/1. Para iniciar a discussão, apresentaremos uma conceituação acerca do tema cultura.

A cultura não é um objeto passivo de um conceito único. Pode-se definir cultura sob a perspectiva antropológica, filosófica e sociológica. O antropólogo Tylor (1917, p. 31, *apud* LARAIA, 1932, p. 25) define cultura como um “todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”. Assim a palavra “cultura”, abrange todas as manifestações humanas desde o nascer com a inserção na família e, posteriormente, nos grupos e na sociedade.

Aranha (2006, p. 58), também sob a visão antropológica, afirma que “cultura é tudo o que o ser humano produz para construir sua existência e atender a suas necessidades e desejos.” Com isso inferimos que o ser humano além de ser inserido na cultura ao nascer, a partir de suas vivências produz e propaga sua cultura.

Nesse trabalho utilizamos o conceito de cultura proposto por Tylor e Aranha. Para analisar o cenário da sala de aula partimos da hipótese que os alunos compreendem o que é diversidade cultural e a importância de valorizar e respeitar as diferenças. A escolha do objeto de pesquisa se justifica pela crença na importância de conhecer/reconhecer a diversidade existente na sala de aula, pois a individualidade de diferentes culturas é considerada como importante patrimônio da humanidade.

A fim de alcançar o objetivo proposto, buscou-se analisar a percepção que os ingressantes do curso de Letras- Língua Portuguesa possuem sobre diversidade cultural; identificar a existência da diversidade cultural dos ingressantes do curso e investigar a interação entre os possíveis grupos culturais identificados.

INICIANDO UMA DISCUSSÃO SOBRE DIVERSIDADE CULTURAL

O Brasil é reconhecido como o país de diversidade cultural, devido a composição étnica da população baseada em diversas matrizes populacionais, como a europeia, africana e autóctone do qual se originou a miscigenação vista na atualidade.

Através desse encontro étnico, surgiram diferentes culturas e tradições que se mesclaram para formação da vasta cultura miscigenada característica do Brasil. Porém, a cultura que sobressaiu na época da colonização foi a dos colonizadores europeus (Portugueses) por se constituírem na elite dominante e, em relação as tradições do negro e do índio desde a colonização, sendo que diversos aspectos dessas culturas, principalmente a religiosidade são nos dias atuais inferiorizadas e alvo de preconceitos.

Nesse sentido, Leal (2013, [não paginado]) em seu trabalho intitulado “Introdução à reflexão histórica do contexto da diversidade cultural no Brasil e a manifestação da diversidade no ambiente escolar” relata que

Há desde a origem da diversidade cultural no Brasil certa exaltação ao colonizador europeu, difundida por um padrão eurocêntrico e pela disseminação de uma pretensa superioridade europeia em relação aos povos que aqui se encontravam, os nativos da colônia (índigenas) e os diversos povos de diferentes etnias do continente africano que vieram ao Brasil na condição de mercadoria para alimentar séculos de escravidão. Os dois últimos povos foram vistos por muito tempo pelas sociedades numa escala inferior em relação ao português (europeu). Essa imagem de inferioridade disseminou-se entre a população brasileira, refletindo-se em preconceitos, marginalização e racismo ainda bastante presente nas sociedades, mesmo que de forma sutil ou mascarada.

A autora afirma, que a cultura dos povos dominados era inferiorizada e marginalizadas pelo colonizador, fenômeno cujo reflexos podem ser notados ainda hoje no Brasil, com a existência de preconceito cultural, racial, sexual, entre outros.

Tais fenômenos são perceptíveis em diversos espaços, entre os quais a escola, se destaca por reproduzir um padrão de ensino que privilegia o modelo de sociedade que segrega a diversidade cultural. Nesse sentido, Leal (2013, [não paginado]) argumenta que

O distanciamento da cultura escolar com a cultura do estudante e/ou com a cultura popular, muitas vezes causa neste, uma não identificação com os padrões sociais e culturais e de certa forma com os conteúdos, que por sua vez ainda exalta as ações do colonizador deixando as discussões referentes as outras matrizes, decorrentes da formação cultural brasileira e que é mais próxima da realidade de uma maioria de cidadãos, a margem das abordagens no ambiente escolar, não contemplando com este padrão unificado de ensino o cenário de pluralidade do país.

A partir do exposto, observa-se a cultura engessada que molda a educação escolar no Brasil. As discussões que permeiam as aulas se distanciam da realidade dos alunos, evidenciando a exclusão dos mesmos como atores sociais ativos, visto que sua cultura é desvalorizada em detrimento do modelo de cultura “ideal” para a educação.

Neste sentido, com objetivo de combater o preconceito étnico e cultural foi aprovada a Lei 11. 645/08 que tornar obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena como forma de fomentar a conhecimento e debate diversidade cultural (LEAL, 2013).

Corroborando essa afirmação, Paula (2009, [não paginado]) considera que “[...] a exclusão desse tema do universo escolar durante longos anos, explica-se pela dificuldade que possui a sociedade brasileira, mais especificamente o meio intelectual e cultural brasileiro em tratar de questões relativas a injustiças e discriminações étnico-sociais.”

Conforme a autora, é importante salientar a necessidade de pensar “essa problemática, [visto que] determinadas ideias errôneas acerca de algumas etnias como a negra, a indígena e árabe continuarão sendo cada vez mais espalhadas, o que impossibilita a compreensão do universo dessas culturas.”

É mister ressaltar que na atualidade, a temática “diversidade cultural” vem a tona como algo primordial e de suma importância e que deve ser discutido não somente no ensino básico, mas também nas universidades, lugares que como afirmamos são também palco de preconceitos com o diferente.

Diversidade Cultural: em busca de um conceito

Na atualidade a palavra diversidade tem sido empregada nos mais diversos seguimentos sociais. É possível perceber a diversidade nos ambientes de trabalho, nos espaços de convivência coletiva, em suma, em todo contexto social.

Entende-se por diversidade cultural diferenças referentes à cultura, étnica, ideológica, religiosa, entre outras. O Brasil, por exemplo, é um país com grande diversidade étnica, com sua população formada por um intenso processo de miscigenação de vários povos que juntos compõe a identidade cultural brasileira.

Para Santos (2012 apud LEITE, 2014, p. 15) “A cultura é algo humano, no sentido em que se relaciona com o homem, em sua individualidade e em seus relacionamentos sociais, e com o meio em que se vive. A cultura é tudo aquilo que não é natureza, ou seja, tudo o que é produzido pelo homem.”

Para Hanashiro e Carvalho (2005) existem definições variadas sobre o que possa ser diversidade. Para os autores existem definições tanto restritas como amplas. As restritas dizem respeito a questão de raça, etnia e também gênero. Já a definição no sentido amplo diz respeito sobre todas as diferenças humanas. Portanto, não existe uma definição única para determinar o que é diversidade.

Para Cox Jr. (1993 apud HANASHIRO; CARVALHO, 2005,) a diversidade é como a representação, em um sistema social, que representa desde pessoas com a mesma afiliações a grupos claramente diferentes em termos de significação cultural. Neste sentido, a representação de sistema social é descrita por grupos minoritários e majoritários.

Nesse sentido, Tomas Jr. (1991 apud HANASHIRO; CARVALHO, 2005, p. 4) vai além ao argumentar que diversidade não se resume somente na questão de raça, etnia e gênero, mas inclui todo o tipo de diversidade. Pois conforme o autor, além das três citadas a cima inclui também “a idade, a história pessoal e corporativa, formação educacional, função e personalidade [...], estilo de vida, preferência sexual, origem geográfica [...]” e outros. Embora, o tema seja rico em significados e conceitos, em nossa análise utilizamos o conceito proposto por Leite (2014), Costa (2015) e Leal (2013).

Diversidade na universidade

A reflexão sobre educação e cultura é um tema pertinente, visto que, vivemos em uma sociedade multicultural. Para Candu (2012, p. 13) “existe uma relação intrínseca entre educação e cultura(s). Estes universos estão profundamente entrelaçados e não podem ser analisados se não a partir de sua íntima articulação.”

Promover uma educação ética e harmônica, que prima pelo desenvolvimento integral do indivíduo é garantir que todos possam usufruir dos mesmos direitos perante a sociedade. Quando pensamos nos ingressantes no ensino superior devemos considerar todas essas características que constitui o sujeito ao longo do tempo.

A Lei de Diretrizes e Base no capítulo IV, trata da educação Superior, no artigo 43 § VII explicita a necessidade de “promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica geradas na instituição” (LDB LEI Nº 9.394/96).

Percebe-se que a LDB explicita a importância de valorizar os conhecimentos científicos considerando as construções resultantes da interação cultural do indivíduo, sendo a escola o *locus da* educação sistematizada, este espaço deve ser propício ao aprendizado dos educandos, constituindo a identidade do sujeito e o senso crítico que os habilite a participar da vida em sociedade.

De acordo com Fernandes (2012, [não paginado]):

Trabalhar com o tema diversidade cultural remete-nos a explorar um universo representado por uma população formada por inúmeros grupos étnicos, com seus costumes, com sua cultura, por meio de trabalhos interdisciplinares, como uma das melhores formas de expressar os conhecimentos adquiridos ao longo da vivência acadêmica.

Ao analisar o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos deparamos com um tópico que trata exclusivamente da educação Superior, nota-se que existe uma preocupação expressa nos documentos que orientam a educação no Brasil em relação ao sujeito que constitui e é constituído no âmbito de formação profissional e social. O documento acima citado mostra que,

O Programa Mundial de Educação em Direitos Humanos (ONU, 2005), ao propor a construção de uma cultura universal de direitos humanos por meio do conhecimento, de habilidades e atitudes, aponta para as instituições de ensino superior a nobre tarefa de formação de cidadãos(ãs) hábeis para participar de uma sociedade livre, democrática e tolerante com as diferenças étnico-racial, religiosa, cultural, territorial, físico-individual, geracional, de gênero, de orientação sexual, de opção política, de nacionalidade, dentre outras.

Dessa forma, ao pensar o indivíduo no Ensino Superior deve-se considerar o sujeito histórico, com sua vivência e cultura. Neste sentido, valorizar a cultura e as diferenças é abrir portas para novos conhecimentos, é compartilhar experiências e a partir delas contribuir para uma sociedade democrática e livre de preconceitos e discriminação.

Freire (1996, p. 39-40) contribui defendendo que “A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia.” O processo educativo não corresponde a transferência de conhecimento, mas se efetiva quando há uma preocupação com o sujeito e seu papel social, quando é dado ao cidadão(ã) o direito de participar ativamente da construção do saber.

METODOLOGIA E COLETA DE DADOS

Para a concretização da pesquisa foi utilizado a abordagem quanti-quali. Para Brugemann e Parpinelli (2008) essa abordagem é

A combinação dos métodos quantitativo e qualitativo produz a triangulação metodológica, que, numa relação entre opostos complementares, busca a

aproximação do positivismo e do compreensivismo. A triangulação é uma estratégia de pesquisa que contribui para aumentar o conhecimento de um determinado tema, alcançar os objetivos traçados, observar e compreender a realidade estudada.

Quanto a tipologia empregada utilizamos o estudo de caso, que segundo Cezar ([200?], [não paginado]), “[...] é bastante amplo, pois permite que o fenômeno seja estudado com base em situações, contemporâneas, que estejam acontecendo, ou em situações passadas, que já ocorreram e que sejam importantes para a compreensão das questões da pesquisa colocadas.”

O *locus* da pesquisa foi a Universidade Federal de Mato Grosso- UFMT, localizada no Campus de Rondonópolis-MT. Atualmente o campus possui dezenove cursos de Ensino superior, cinco cursos de Pós-graduação *Stricto Sensu* em nível de mestrado.

A turma do primeiro ano do curso de Letras-Língua Portuguesa, escolhida para essa pesquisa possui 36 (trinta e seis) alunos matriculados, dos quais 22 (vinte e dois) estavam presentes na aplicação dos questionários. Por este motivo a pesquisa não abarcou a totalidade dos discentes, mas 78% (setenta e oito por cento) de questionários respondidos. O instrumento de coleta de dados utilizado foi o questionário que segundo Sampiere, Collado e Lúcio (2006, 35), “[...] consiste em um conjunto de questões com relação a uma ou mais variáveis a serem medidas.” O questionário foi elaborado com questões abertas e fechadas contendo 12 (doze) perguntas.

De posse do material coletado foi realizada a tabulação das respostas obtidas. Esses dados foram analisados de forma quantitativa e posteriormente qualitativa na qual buscamos interpretá-los e compreendê-los a partir do embasamento teórico.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Foram realizadas 11 (onze) perguntas. As 6 (seis) primeiras perguntas eram voltadas a identificação do público participante e 5 (cinco) perguntas finais sobre o tema central da pesquisa “Diversidade Cultural”.

Nas primeiras perguntas foram investigados a idade, sexo, naturalidade, autodeclaração de cor e opção religiosa. Dos pesquisados, 50% (cinquenta por cento) possuem idade entre dezoito e vinte anos. Os outros 50% (cinquenta por cento) se dividem em faixas etárias variadas. Também foi descoberto que 74% (setenta e quatro por cento) são do sexo feminino.

Verificou-se também que mais de 70% (setenta por cento) dos discentes são de Mato Grosso, advindo de cidades variadas, o restante são oriundos de outros estados. Ao serem perguntados como se consideram em relação ao grupo étnico a que pertencem, quase a metade, cerca de 45% (quarenta e cinco por cento) não se considera nem branco, nem negro e nem índio. Talvez por se considerarem resultantes da miscigenação. Dos restantes 41 % (quarenta e um por cento) se declararam negros e uma minoria disseram ser brancos.

Em relação a opção religiosa, a quase totalidade 95% (noventa e cinco por cento) afirmaram seguir a algum tipo de crença religiosa. Destes, 56% (cinquenta e seis por cento), se declararam católicos. Vindo em seguida com 25% (vinte e cinco por cento) a religião evangélica, espírita 13% (treze por cento) e de matrizes africanas 6% (seis por cento).

Na sua concepção, existe diversidade cultural na sala de aula?

No total de 95% (noventa e cinco por cento) por cento dos discentes disseram que sim e uma pequena porcentagem de 5% (cinco por cento) relataram que não há diversidade

em sala de aula. Nota-se que ainda existe uma porcentagem considerável de acadêmicos que afirmaram não existir diversidade. O referido dado nos leva a reflexão, esses acadêmicos teria uma visão homogeneizada da sala de aula? O que conduziram a tal resposta? Segundo Fernandes, ([201?] *apud* GADOTTI, 1992 p. 23):

A diversidade cultural é a riqueza da humanidade. Para cumprir sua tarefa humanista, a escola precisa mostrar aos alunos que existem outras culturas além da sua. Por isso, a escola tem que ser local como ponto de partida, mas tem que ser internacional e intercultural como ponto de chegada. (...) Escola autônoma significa escola curiosa, ousada, buscando dialogar com todas as culturas e concepções de mundo. Pluralismo não significa ecletismo, um conjunto amorfo de retalhos culturais. Significa sobre tudo diálogo com todas as culturas, a partir de uma cultura que se abre às demais.

A partir das considerações de Gadotti, é possível interpretar as respostas a questão apresentada pela perspectiva da necessidade de valorização do tema diversidade cultural no âmbito da sala de aula, especificamente na turma do primeiro ano do curso Letras- Língua Portuguesa da UFMT/CUR, sendo este o *Lócus* da pesquisa.

Como você vê a interação professor/aluno, aluno/professor e aluno/aluno?

Através dos dados, foi identificado que trinta e cinco por cento dos investigados disseram que a interação entre professor/aluno, aluno/professor e aluno/aluno é razoável, trinta e um por cento relataram que há uma boa interação entre os mesmos, uma porcentagem de vinte e oito por cento disseram que a interação que existe em sala de aula é ruim e somente seis por cento disseram que existe uma interação muito boa.

Dessa forma, é possível supor que na sala de aula a interação não se efetiva como esperado, tanto entre professor/aluno, como entre aluno/professor e aluno/aluno. Contudo, pode se questionar o motivo dessas ocorrências? Uma possibilidade que talvez explique, seja o fato de haver grupos predeterminados em sala de aula, causando assim o distanciamento dos outros da sala.

Em relação a interação professor/aluno, foi citada sendo razoável, isso talvez ocorra pelo fato de haver algum conflito. Com base nessas informações, Miller (2002, 276), comenta que “a relação professor-aluno pode se mostrar conflituosa, pois se baseia no convívio de classes sociais, culturas, valores e objetivos diferentes.”

Nesse sentido, Campos (1996, [não paginado]) elucida que “a interação entre professores e alunos na sala de aula se constitui como um dos principais elementos no processo de ensino-aprendizagem, sendo que sua compreensão não apenas facilita este processo como também influi na sua qualidade.”

Portanto, é necessário que exista uma boa interação entre as partes que compõem a comunidade acadêmica, haja vista que, a interação é essencial para a efetivação da aprendizagem. E para que isso ocorra é preciso que o docente não somente transmita conhecimento, mas, também, aprenda a ouvir os alunos. Nesse contexto, Libânio (1994 *apud* MILLER, 2002, p. 278) relata que:

O professor não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos. Deve dar-lhes atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, a expor opiniões e dar respostas. O trabalho docente nunca é unidirecional. As respostas e opiniões mostram como eles estão reagindo à atuação do professor, às dificuldades que encontram na assimilação dos conhecimentos. Servem, também, para diagnosticar as causas que dão origem a essas dificuldades.

Podemos perceber que o propósito fundamental do professor não se restringe a fazer perguntas e transmitir informações, mais ensinar os educandos a raciocinar, pensar de forma crítica e conseqüentemente passarem a expor suas opiniões construindo assim seu conhecimento. Entretanto, esse propósito muitas vezes acaba por ser afetado, pelo fato de não haver a sensibilidade do professor de ouvir o discente, não diagnosticando dessa forma onde está a dificuldade do mesmo.

De acordo com a interpretação de Miller (2002) é mister ressaltar que apesar de o docente ter autoridade dentro da sala de aula, é necessário que o mesmo não aja com autoritarismo, visto que tal atitude pode afastar o discente causando assim dificuldades de aprendizagem pelo fato de ter medo de sanar suas dúvidas com o professor, “o que poderá prejudicar a relação [entre professor/aluno] uma vez que o diálogo é um elemento fundamental da aprendizagem” (MILLER, 2002 [não paginado]).

Porém, não podemos deixar de comentar que o professor também não deve permitir a indisciplina, que pode atrapalhar o rendimento não só de o aluno indisciplinado mais toda a turma. Portanto, é necessário que “para exercer a autoridade, o docente deve saber da importância do seu trabalho e mesclar com a afetividade a sua autoridade, recorrendo, então, ao diálogo como forma de chegar ao resultado pretendido: uma classe integrada, compenetrada e interessada” (MILLER, 2002, [não paginado]).

Na sua opinião, no ambiente universitário valoriza e respeita sua cultura?

De acordo com os dados coletados, pode-se afirmar que grande parte dos entrevistados, ou seja, sessenta e quatro por cento responderam que na universidade há o respeito e a valorização da cultura de cada um. Para embasar essa discussão, Leite (2014, p. 48) versa que “a escola tem o papel de acolher e atender indistintamente, incentivando e promovendo o resgate do passado das pessoas, no que se refere a cultura de cada povo, de cada comunidade.”

Porém, não podemos desprezar que uma porcentagem considerável de trinta e seis por cento disseram não existir no âmbito acadêmico o respeito e a valorização da sua cultura. Isso ocorre, segundo Leite (2014, p. 19) pelo fato dessa temática ser ainda um obstáculo para escola “justamente, lidar com a questão das várias formas de diversidade presentes no seu interior (nível sócio econômico, gênero, etnia, raça, orientação sexual, religião, idade, etc).”

Tomando por base essas concepções, percebe-se a existência de contrassenso de opiniões, pois ao mesmo tempo que a universidade inclui, para 36% (trinta e seis por cento) dos discentes, ela também exclui. Ademais, isso pode ocorrer como dito anteriormente que inclusão se constitui como um dos maiores desafios da instituição.

Leite (2014, p. 25) salienta que dentro do âmbito escolar deve haver mudanças em relação a discriminação praticada com “grupos sociais étnicos e de representações culturais diversos, visto que a instituição [...] deve ser formadora de indivíduos que reconheçam a diversidade cultural.”

Uma teoria que talvez explique, a negação da suposta hegemonia e/ou predominância da cultura de origem cristã sobretudo de origem católica. A percepção de tal hegemonia por parte de um segmento intelectual de viés político e ideológico voltado para as minorias sociais promove a exaltação das práticas culturais/religiosas das ditas “minorias” em detrimento da cultura supostamente hegemônica na sociedade em geral.

Alguma vez você já foi alvo de discriminação na universidade

Quando indagados se já sofreram discriminação dentro da instituição, foi possível observar que o equivalente de 73% (setenta e três por cento) relataram nunca ter sofrido alguma discriminação, vindo em seguida 18% (dezoito por cento) dos discentes que disseram ter sofrido discriminação muitas vezes e 9% (nove por cento) relataram ter sido alvo algumas vezes.

Se somarmos a porcentagem dos alunos que sofreram muito com o preconceito na universidade, com os que foram alvos, algumas vezes, teremos uma porcentagem de 27% (vinte e sete por cento), número esse muito elevado. “Embora seja natural a diversidade, a mesma não é acolhida tão naturalmente, e deste modo nasce a discriminação e o preconceito” (LEITE, 2014, p. 28).

Neste contexto, de acordo com PCN (1999 apud LEITE, 2014, p. 25) “a própria ação educativa é um reflexo da discriminação que ocorre na sociedade, haja vista que as expressões geradas na relação professor aluno em sala de aula influencia na qualidade do ensino especialmente para as camadas populares.” Tal fato, decorre da reprodução das relações de poder entre as classes sociais que se replicam também na escola, atingindo não apenas a relação aluno/professor, mas também a qualidade de ensino, que para os seguimentos mais populares não alcançam níveis satisfatórios, diferente das classes mais abastadas.

Espera-se de um ambiente universitário que seja um lugar inclusivo e sem discriminação cultural, porém, apesar de uma parcela de 73% (setenta e três por cento) relatarem nunca ter passado por discriminação na instituição, ainda existem pessoas que passam por tal constrangimento e isso pode acarretar a essas pessoas traumas irreparáveis. Para tanto, Leite (2014, p. 42) relata que “embora a diversidade sempre tenha estado presente nas salas de aula, na formação heterogênea das turmas, nos diferentes ritmos de aprendizagem [...]” ainda existe tal preconceito tanto social, cultural e étnico.

Até o momento, já foi abordado em seu curso a temática “diversidade cultural”?

No que diz respeito a abordagem da temática “diversidade cultural” no curso de Letras- Língua Portuguesa, sessenta e dois por cento dos discentes afirmaram ter participado de aulas sobre o referido assunto. Porém, trinta e oito por cento dos discentes disseram que não houve a abordagem do assunto em sala de aula. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1997, p. 63) nos auxiliam na interpretação das respostas ao citar que,

A atenção à diversidade deve se concretizar em medidas que levem em conta não só as capacidades intelectuais e os conhecimentos de que o aluno dispõe, mas também seus interesses e motivações. Esse conjunto constitui a capacidade geral do aluno para aprendizagem em um determinado momento.

Ao contrapor as repostas com o texto dos PCNs é possível notar uma contradição. Ao tratarmos à diversidade como um fator primordial ao aprendizado e compararmos com o gráfico, é notório a carência da temática em sala de aula, percebendo assim, que se faz necessário explorar com mais efetividade o assunto no contexto acadêmico. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1997. p. 63) apontam que “a atenção à diversidade é um princípio comprometido com a equidade, ou seja, com o direito de todos os alunos realizarem as aprendizagens fundamentais para seu desenvolvimento e socialização.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização da análise, percebemos que

A [universidade] é um espaço polissêmico marcado por diferenças, a cultura manifesta-se de maneira diversa na [universidade] e tem como de pano de fundo a formação do Brasil, enraizada por uma pluralidade cultural que tem como base as matrizes africanas, indígena e européia, que demarcam a origem do cenário multicultural do país. (LEAL, 2013, [não paginado]).

A partir dessa abordagem foi possível verificar que apesar da diversidade cultural estar presente no Brasil, e por consequência em sala de aula, tal fato não exclui a existência do preconceito, não somente social, como também étnico, cultural, religioso entre outros.

Os resultados apontados na análise chamam atenção para questões ligadas a diversidade na academia, visto que, a porcentagem dos alunos que sofreram muito com o preconceito na universidade, com os que foram alvos, algumas vezes, teremos um total de 27% (vinte e sete por cento), número esse muito elevado. “Embora seja natural a diversidade, a mesma não é acolhida tão naturalmente, e deste modo nasce a discriminação e o preconceito” (LEITE, 2014, p. 28). Portanto, faz-se necessário o aprofundamento desse estudo, haja vista que não houve o esgotamento do tema, no sentido de que, a investigação realizada poderá auxiliar pesquisas futuras sobre o tema diversidade cultural.

REFERÊNCIAS

Academia de Ciências do Estado de São Paulo (ACIESP). **Ações afirmativas nas universidades brasileiras**. [S. l.: s. n.], [200?]. Disponível em: < <https://jornal.usp.br/wp-content/uploads/acoes.pdf>>. Acesso em: 13 jul. 2018.

ALVES, Laura Maria Silva Araújo. Leitura e Universidade: comportamento de leitura na formação do pedagogo da UFPA. **Revista Margens**, Pará, v. 4, n. 5, p. 1-21, 2008. Disponível em: < http://www.anpae.org.br/congressos_antigos/simposio2007/227.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2017.

ARANHA, Maria Lúcia Arruda. **Filosofia da educação**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

BRASIL. Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos, Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Ministério da Educação, Ministério da Justiça, UNESCO, 2007. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2191-plano-nacional-pdf&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192.

BRASIL. LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional. 9. ed. Brasileira: Câmara dos Deputados; Edições Câmara, 2014.

BUGGEMANN, Odaléia Maria; PARPINELLI, Ângela Mary. Utilizando as abordagens quantitativa e qualitativa na produção do conhecimento. **Revista da escola de enfermagem da USP**. São Paulo, p. 563-568, 2008. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/reusp/v42n3/v42n3a20>>. Acesso em: 16 mai. 2018.

CAMPOS, Luiz Fernando de Lara. Introdução à interação em sala de aula: elementos para compreensão. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, SP, v.1, n. 1, 1996. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85571996000100012>. Acesso em: 08 set. 2018.

CAMPOS, Luiz Fernando de Lara. **Introdução à interação em sala de aula**: elementos para compreensão. Psicologia Escolar e Educacional, Campinas, SP, v.1, n. 1, 1996. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85571996000100012>. Acesso em: 08 set. 2018.

CESAR, Ana Maria CESAR, Ana Maria Roux Valentini Coelho. Método de estudo de caso (Case Studies) ou método do caso (Teaching Cases)? Uma análise dos dois métodos no ensino de pesquisa em administração. **Revista Eletrônica Mackenzie de Casos**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-23, 2005. Disponível em: <www.mackenzie.br/fileadmin/Graduado/CCSA/remac/jul_dez_05/06.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2017.

FERNANDES, João André Tavares. Uma reflexão sobre a diversidade cultural na universidade: respeito às diferenças. **Contribuiciones a las Ciências Sociales**. São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://www.uces.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/3183/420>>. Acesso em: 12 set. 2018.

FERREIRA, A. B. H. **Aurélio século XXI**: o minidicionário da língua portuguesa. 5 ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HANASHIRO, Darcy Mitiko Mori. Diversidade cultural: panorama atual e reflexões para a realidade brasileira. **REAd**, São Paulo, v.11, n. 5, ed. 47, set/out. 2005. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/read/article/view/40623/25835>>. Acesso em: 06 mai. 2018.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura – Um conceito Antropológico**. 14 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. Disponível em <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4362514/mod_resource/content/1/Bloco%20I%20-%20Texto%20-%20Cultura%20-%20um%20conceito%20antropol%C3%B3gico%20Roque%20Laraia.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2019.

LEAL, Alessandra dos Santos. Introdução à reflexão histórica do contexto da diversidade cultural no Brasil e a manifestação da diversidade no ambiente escolar. In: SIMPOSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27, Natal, NR, 2013. **Anais...** Natal, NR: ANPUA, 2013. Disponível em: <www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/.../1371341055_ARQUIVO_ArtigoAnpuh.p..>. Acesso em: 08 set. 2018.

LEITE, Maria Aparecida. **Diversidade Cultural no contexto escolar**. 2014. 54 f. Monografia (Especialização Fundamentos da Educação) - Universidade Estadual de Paraíba, Paraíba, 2014. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/5737/1/PDF%20-%20Maria%20Aparecida%20Leite.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

MARCONI, Mariana de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Técnicas de pesquisa. In: _____. **Técnicas de pesquisa** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2011. p. 86-91.

MOREIRA, Antônio Flávio; CANDU, Vera Maria(orgs). **Multiculturalismo**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MULLER, Luiza de Souza. **A interação professor- aluno no processo educativo.** INTEFRAÇÃO ensino- pesquisa- extensão. [S. l.], ano 8, n. 31, 2002. Disponível em: https://www.usjt.br/proex/arquivos/produtos_academicos/276_31.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2018.

SAMPIERE, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Pilar Baptista. O processo de pesquisa e os enfoques quantitativo e qualitativo: rumo a um modelo integral. In: _____. **Metodologia de pesquisa.** 3. ed. São Paulo: Mcgraw-Hell, 2006. p. 5-7.

SAMPIERE, Roberto Hernànez; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Pilar Baptista. O processo de pesquisa e os enfoques quantitativo e qualitativo: rumo a um modelo integral. In: _____. **Metodologia de pesquisa.** 3. ed. São Paulo: Mcgraw-Hell, 2006. p. 5-7.

SERFERT, Tatiane Andrade. Diversidade cultural. [S. l.: s. n.], [201?]. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/DIVERSIDADEDECULTURAL.pdf>>. Acesso em: 04 jul. 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC: SEF, 1997. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf> >. Acesso em: 05 set. 2018.

Ana Cláudia Reis Bittencourt - Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Mato Grosso (2017). Tem experiência na área de Ciência da Informação, com ênfase em Biblioteconomia. Atualmente, é aluna da Universidade Federal de Mato Grosso no curso de Letras - Língua Portuguesa e participa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) oferecido pela UFMT.

Clésia Guimarães dos Santos – Graduada em Pedagogia pela Faculdade Anhanguera de Rondonópolis (2016). Com especialização em PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU em Educação Infantil com Ênfase em Alfabetização pela Faculdade Albert Einstein(2017). Graduação em andamento no curso Letras- Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

Adinael Jr. Pereira da Trindade- Possui graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Mato Grosso (2017).

Káthia dos Santos Rocha- Possui graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Mato Grosso (2017). Tem experiência em Bibliotecas Escolares e Universitárias, assim como na área de Ciência da Informação, com ênfase em Processos de Disseminação da Informação.

Recebido para publicação em 18 de setembro de 2019.

Aceito para publicação em 09 de dezembro de 2019.

Publicado em 10 de dezembro de 2019.